

NOÇÕES DE NUMISMÁTICA (VII).

(Continuação)

XIX

IDADE MÉDIA.

A arte monetária na Idade Média. Medalhões usados pelos peregrinos. Nomenclatura das moedas.

A ARTE MONETÁRIA NA IDADE MÉDIA.

A Numismática feudal, mau grado a multiplicidade de suas origens e de suas casas de cunhagem, oferece uma sensível uniformidade no seu aspecto geral e nos seus tipos. Com efeito, por tôda a parte, ela procede de uma imitação alterada das moedas carolíngias, particularmente das peças posteriores ao édito de Pistes, depois do que a composição essencial das duas faces da moeda não apresenta mais alterações; um dos lados é sempre representado pela cruz circundada da legenda indicando o nome da casa de cunhagem. Nas peças pertencentes aos barões, uma das faces se apresenta geralmente rodeada do nome do senhor que a emitiu, imitação esta mais ou menos distanciada do seu protótipo, alteração de um antigo monograma real, provavelmente do príncipe que reinava no momento em que o "atelier" atingira uma existência independente, ou então em que determinado feudatário usurpara o direito de moedagem.

Algumas vêzes a alteração é das mais singulares e chega a produzir uma espécie de figura convencional e não se seguindo tôdas as etapas da deformação, têm-se dificuldade em compreender a origem. Tal é o achado de moedas do condado da Champagne onde se nota uma corrupção sucessiva do monograma do rei. Eudes, ao qual o buril dos gravadores deixou de emprestar a significação originária. E' o que se denomina *tipo chartrain*, usado em tôdas as casas de cunhagem da região em tôrno de Chartres e de Blois, onde os tipos não oferecem o exemplo frisante no ponto de vista de certas alterações, lei fundamental que se apresenta no estudo das moedas feudais. Este tipo alterado da moeda feudal que se estabeleceu dentro de uma certa época, apresenta-nos

uma figura absolutamente enigmática e inexplicável. Entretanto, examinando as fases sucessivas de sua formação desde o ponto de partida, verifica-se que este tipo outro não é senão a efígie das moedas carolíngias de Tours que, pouco a pouco se foi alterando e de tal forma que os moedeiros não procuraram mais reconstituir a figura humana e sim um desêno bizarro, o qual não apresentava mais traços de ligação com a moeda original.

A maior parte das moedas episcopais procedem da imitação do tipo de Carlos Magno e de Luís-o-Bonachão, que apresenta do lado oposto ao da cruz, a fachada de um templo com a legenda *xpistiana religio*, tipo de origem italiana. O grande número de igrejas que tinham obtido facilmente concessões monetárias dos carolíngios e o pouco de moedas que conseguiram chegar até nós e que remontam a essa época, permitem julgar que a maior parte dos preiados, querendo fugir das prerrogativas que a munificência real lhes concedia e de se servirem de um tipo religioso, adotaram esse que Luís-o-Bonachão herdou de seu pai e que havia começado a nacionalizar na Gália. Uma vez adotado este tipo, sucederam duas coisas. Os bispos que mais facilmente podiam se subtrair a esse contrôlo dos condes e que tinham obtido a plenitude dos benefícios do direito da moedagem, continuaram a se servir do nome de Luís-o-Bonachão, cuja estabelização de seu nome era o primeiro caminho para uma independência completa. Aquêles que estavam no círculo de ação do monarca, ou que estavam menos favorecidos, tiveram cuidado de mudar o nome a cada mudança de reinado. Quando a decomposição feudal da monarquia chegou ao ponto em que os bispos puderam como os barões usurpar a completa independência de sua moedagem e fazê-la em seu próprio nome, este tomou naturalmente o lugar do nome do rei, sendo que os tipos que estavam entranhados no hábito da população desde muito tempo, conservaram-se os mesmos. O templo conservou-se sobre a maior parte das moedas dos bispos até ao fim da moeda feudal. Em algumas cidades, entretanto, substituiu-se a mão no ato de abençoar, uma cruz ou mesmo um busto mais ou menos grosseiro, pela mitra e a cruz.

A Itália, a Espanha, a Alemanha, os Países Baixos e a Suíça tiveram, como a França, a origem de sua moedagem medieval no império carolíngio. Suas espécies são imitações e alterações dos mesmos protótipos. Entre os anglo-saxões, as principais moedas são aquelas do reino de Kent, pequenas peças sem designação, de prata, tendo uma certa aproximação com as *saigas* dos derradeiros tempos dos merovíngios que não apresentavam senão a cruz, as serpentes, as pérolas, algumas letras isoladas e de caracteres rúnicos. Os reis

da Mércia introduziram um pouco mais tarde outros tipos, que foram imitados em tôda a Heptarquia e na maior parte das nações da Europa setentrional. Êsses tipos se compunham de um perfil real todo convencional, dos nomes dos reis ou dos moedeiros escritos no campo do reverso e da cruz apresentando formas particulares que não se reproduziram sôbre as moedas do continente, senão por imitação. Apesar do que a gravação oferece de original, deve-se destacar a influência marcante das moedas de ouro merovíngias, influência essa que a Inglaterra aplicou em outro metal (53).

No período plenamente medieval e feudal, os reinos do Norte, tais como a Inglaterra normanda, a Suécia e a Dinamarca, compuseram uma moedagem particular na qual se discernia claramente a imitação do sistema anglo-saxão, modificado numa certa medida por influência da grande moedagem carolíngia. As nações da Europa oriental sofreram a influência anglo-saxônica e alemã combinada com a de Bizâncio, à medida que o cristianismo lhes trazia a civilização ocidental.

O século XIII marca uma época decisiva na história da arte monetária que sômente então mereceu o nome de *arte*; por tôda a Europa manifestava-se um brilhante renascimento, exceto na Alemanha, onde as *bracteadas* eram então geralmente de um primitivismo saliente (vide fig. 69).

Franqueando o círculo da imitação que restringia à moeda seu aperfeiçoamento artístico, criaram-se novos tipos onde a natureza representada pela figura humana, ou outros sêres animados, atingia essa perfeição a que o desenvolvimento do desenho já então fazia jus. Seus novos tipos agradaram ao público, obtendo prodigioso sucesso e servindo ainda de ponto de partida de novas imitações, porque êste procedimento acomodaticio sempre teve um grande lugar na moedagem, em se tratando mesmo das cunhagens da Antigüidade.

Em 1203 Veneza, sob a influência da arte bizantina ainda tôda poderosa, criou um tipo de moeda denominada *sequim*, que apresentava seu doge recebendo o estandarte das mãos de São Marcos, padroeiro da cidade.

Em 1252, Florença emitia pela primeira vez seu *florim de ouro*, que seria imitado depois pelo espaço de três séculos por um número considerável de países da Europa; esta moeda apresentava numa

(53). — Heptarquia, nome pelo qual se designa os sete reinos saxões que se organizaram sucessivamente na Inglaterra no decurso do século VI, depois das invasões germânicas: Nortúmbria, Est-Anglia, Mércia, Kent, Essex, Sussex e Wessex. Êstes reinos estavam sempre em guerra. A Nortúmbria dominou no século VII, a Mércia no VIII, o Wessex no IX. Egberto, rei do Essex, possuiu a maior parte da Inglaterra e no dia seguinte ao da sua morte (836), começaram as invasões dinamarquesas; no final do século IX subsistia apenas o reino de Wessex, graças às façanhas do rei Alfredo.

das faces a grande flor de lis do brasão da cidade e de onde se originou o nome da moeda e na outra a imagem de corpo inteiro de São João Batista, seu padroeiro, trabalhado num estilo bem marcante.

Frederico II, no seu reino da Sicília (1250), fazia cunhar as admiráveis imitações dos *aureus* dos imperadores romanos conhecidas por *augustaes*, gravadas pelos artistas de Amalfi.

Na Inglaterra, Eduardo I (1272) adotava o tipo dos *esterlings* de prata, depois copiados no continente por inúmeros barões. Estas peças se distinguiam por uma cabeça coroada vista de frente e o reverso apresentava uma cruz cujos braços interrompiam a legenda; no campo, entre os braços da cruz, três besantes, num total de doze.

Em França foi Luís IX ou São Luís (1236) que, reformando a moeda, tornou-a duplamente valiosa tanto no seu valor intrínseco, como artístico. Ordenando que as espécies reais fôsem por tôda a parte recebidas, proibia aos barões não só alterar seus tipos, como impunha o uso exclusivo da moeda real àquêles que não tivessem o privilégio de bater moeda. Ele quis ao mesmo tempo que um rigor absoluto presidisse a fabricação do numerário. No seu reinado foram criados os *soldos de prata* (*sous d'argent*) valendo 12 dinheiros (12 *deniers*) que denominou *grandes tornezes* (*gros tournois* ou *gros blancs*) por oposição aos dinheiros de bilhão chamados *negros tornezes* (*noirs tournois*) e restaurou a moeda de ouro desaparecida de França desde a queda dos merovíngios.

O estilo das novas peças emitidas por êste grande monarca era dos mais notáveis, ao mesmo tempo simples e grandioso. Com os de Filipe III-o-Ousado (1270), elas formam a obra-prima das séries monetárias da Idade Média. Os tipos designados por *moutons*, *ecus*, *masses* e os *royaux d'or*, são idênticos às imagens dos selos reais, cuja arte se desenvolveu consideravelmente, enquanto as moedas continuaram estacionárias. A datar desta época estabeleceu-se uma correlação íntima entre as moedas e os selos que, oriundos muitas vezes do buril dos mesmos artistas, destinavam-se umas e outros à demonstração da autoridade, sendo que a correlação existia principalmente por ser a cêra com que eram confeccionados os selos, submetida ao cunho do metal. Quanto as legendas, elas são uma emanção dos sentimentos da ardente piedade de Luís IX, a mais bela figura da Idade Média, animado sempre por um grande ideal de justiça e santidade. E' sempre uma prece que se eleva aos céus.

O trabalho das peças de Filipe-o-Belo (1285) é mais simples e menos puro que as moedas de seus dois predecessores; os orna-

mentos são prejudicados até na originalidade das linhas e as figuras começam a desaparecer.

Luís X (1314) ordenou que se fabricassem as peças conforme as instruções de São Luís. Por êsses decretos, êle regulamentou a moedagem dos barões de tal forma que até os pequenos senhores feudais renunciaram ao exercício de um direito que lhes seria mais oneroso do que conveniente. Sòmente os grandes vassallos continuaram a bater moeda, porque eram bastante fortes para arrostar com as imposições reais e não para levá-las em conta.

Com Filipe de Valois subindo ao trono em 1328, avolumou-se o domínio real; Filipe incorporava à corôa o seu apanágio (Valois, Chartres, Anjou, Maine). Filipe de Evreux cedia-lhe a Champagne e Brie; comprava Montpellier ao rei de Maiorca e o Delfinado a Humberto II. Desejando humilhar pelo luxo seus inimigos e chamar até a atenção dos indiferentes, fêz cunhar moedas de ouro mais ricas e mais faustosas do que realmente belas, conservando-lhes o desênhô tão ao gôsto da época. Seus tipos são quase todos alusivos às lutas do rei contra seus inimigos inglêses e seus partidários que se encontravam no meio da aristocracia.

Eduardo III da Inglaterra (1327) e seu filho Eduardo, conhecido por *Príncipe Negro*, sobrenome que se originou da côr de sua armadura, cunharam na qualidade de duques de Aquitânia, moedas de ouro que foram as primeiras peças dêste metal que os grandes vassallos ousaram emitir.

A João II-o-Bom, rei de França (1350), deve-se a modificação do tipo da peça denominada *royal* e a cunhagem das moedas de ouro conhecidas como *franco a cavallo*, onde o rei aparece cavalgando em atitude de entrar em batalha. Os tipos de suas moedas de prata e de bilhão são extremamente variados, mas sua bela aparência dissimula a má qualidade do título, porque em época alguma a falsificação das espécies monetárias por autoridade pública foi tão descomedida, nem organizada tão impudentemente em sistema. A pretexto dos desastres que tinham abalado o país, os grandes vassallos faziam um jôgo de contrafação das moedas reais, exagerando ainda a sua deplorável qualidade.

Carlos V-o-Sábio (1356) melhorou o título das espécies monetárias, simplificando os tipos e libertando-se da massa de ornamentos que a moda introduzira.

“Os chefes das facções que disputavam a direção dos negócios sob Carlos VI, diz M. B. Fillon, se enriqueceram por meios de roubos e irregularidades apenas disfarçadas e para cúmulo dêsses ultrages feitos à realeza, as armas da França começaram a aparecer substituindo as

insignias reais, *sur les heaumes, les demi-heaumes, les saluts et les écus à la couronne*".

Henrique VI, rei da Inglaterra em 1422 e no mesmo ano rei da França por morte de Carlos VI, emitiu espécies monetárias cujas marcas "mostravam a vergonha da pátria e a monstruosa união das flores de lis e dos leopardos".

Carlos VII-o-Vitorioso que então governava a parte da França ainda não ocupada pelos ingleses e que, graças às vitórias de Joana d'Arc foi coroado solenemente na Catedral de Reims em 17 de julho de 1429, como rei de França, com a expulsão dos ingleses elevado o título das suas moedas, política que foi depois seguida por Luís XI.

Depois de Luís IX ou São Luís, as espécies monetárias não tinham mantido com constância uma boa liga metálica e nenhum príncipe tinha ainda exercido o mínimo direito sobre sua fabricação. Conservou-se nessas peças a extrema simplicidade de seu desenho e as críticas que lhe podem ser feitas não têm fundamento, pois, conservando as origens de reinados precedentes e tendo elevado sua apresentação artística, libertou o campo da moeda dos tipos usados, entregando-a virgem aos moedeiros de uma nova escola.

Fig. 69. — *Bractentas*.
(*Brakteaten* — *denare*).



1. — *Arnstein*. Walter (1135-1166). Bustos do soberano e de sua esposa, no centro de um castelo encimado por uma águia. 30 mm.
2. — *Brandemburgo*. Albrecht der Baer (Alberto-o-Urso) 1123-1170. Busto do conde revestido com couraça, espada e bandeira. 27 mm.
3. — Idem. Efigie semelhante em círculo menor (possivelmente de *Aschersidin*). 27 mm.
4. — Idem. Santo Estêvão com os braços abertos. *NVS. PR. O Mártir Aschersidin*. 28 mm.



5. — *Brunsvig*. Duque Henrique der Loewe (Henrique-o-Leão) 1142-1195. Leão à esquerda. 30 mm.
6. — *Frankfurt*. Casa da Moeda da União (*Reichsmuenzstaette*). Frederico I (*Barbarossa*) e Beatriz, 1141-1190. *Friederic*. Bustos coroados dos imperadores, separados por lírios. 28 mm.
7. — Idem, Henrique VI e Constança (1190-1197). *Henricvs-ivdi*. O casal coroado. Alto relevo. 27 mm.
8. — *Arnstein*. Walter (1135-1166). Duas tôrres com arco central encimado por uma águia e sob o arco uma coroa. 30 mm.



9. — *Halberstadt*. (bispos). Gero von Schrembke (1160-1172). Santo Estêvão orando. 28 mm.
10. — *Helmstedt*. (abades). Adolfo II (1160-1174). O abade sob o arco central das tôres. 31 mm.
11. — *Hildesheim*. (bispos). Adelhog (1171-1190). *Eco svm Hildensemensis*. Grande cruz com lirios e cruzetas. 30 mm.
12. — *Magdeburgo*. (arcebispos). Friedrich von Wettin (1141-1152). *Friderico Archieps*. Busto do arcebispo com o báculo. 30 mm.



13. — *Idem, Strela, Wichmann von Seeburg* (1152-1190). *Scs Mavritius dvx*. O Santo com espada e bandeira. 30 mm.
14. — *Idem (Halle) Wigma-Nvs A*. Atrás de duas tôres baixas, o Santo com palmeira, tendo ao alto três arcos. 30 mm.
15. — *Idem, exemplar duvidoso*, arco em forma de tôres, com a figura do Santo sentado, com palmeira. 34 mm. E' uma peça de extrema raridade.
16. — *Quedlinburgo*. Beatriz von Winzenburg (abadesa) 1138-1160. *Beat- (Rix ab) Bat-T'ri*. A abadesa tendo em uma das mãos um lírio e na outra um livro, rodeada por duas freiras. 31 mm.



17. — *Idem, Adelheid von Sachsen* (1161-1180). A abadesa como no exemplar precedente, sentada entre duas pequenas tôres. 33 mm.
18. — *Sachsen-Anhalt*. Duque Bernhard (1170-1212). *Eernardvx Dvx v*. Leão à esquerda no quarto círculo. 29 mm.
19. — *Idem, o duque com espada e cetro*, circundado por um ornamento. 29 mm.

NOMENCLATURA.

A nomenclatura tem sido muito diversa em tôdas as épocas. Tanto tinham as moedas os nomes dos personagens que as faziam cunhar, como os nomes das localidades onde elas eram emitidas. Certos nomes vieram dos tipos gravados sôbre as moedas ou de títulos usados pelos senhores que tinham emitido o numerário.

Enfim, há um grande número de denominações particulares que escapam à análise. Damos aqui uma lista de nomes de moedas que longe está de ser completa. Desejamos sobretudo agrupar um certo número de informações que se acham dentro dêste trabalho.

* * *

Agnel, agneau, agnelet. Moeda de ouro criada por São Luís (1226-1270) e que circulou em França até Carlos VII-o-Vitorioso (1422-1461). O seu nome derivava do Cordeiro-pascal (*Agnus-dei*) gravado numa das faces. A partir do século XIV chamou-se *cordeiro de ouro*.

Com São Luís valia 12 fr. 95 c.; sob João II valia 16 fr. 50 c. (Fig. 70).

Albus. Em francês *blanc*, em alemão *weisspfennig*; antiga moeda corrente em certas províncias da Alemanha e que valia cerca de 120 réis.

Angelote. Moeda de ouro e prata assim denominada, porque trazia gravada a figura de um anjo. O *angelote* de ouro foi cunhado por Filipe VI de Valois (1273-1350) e correu como moeda até o reinado de Luís XI (1423-1483). Uma das faces apresentava o anjo São Miguel armado de espada, trazendo o escudo ornamentado de flores de lis, tendo a seus pés uma serpente.

O *angelote* de ouro de menor valor foi cunhado em 1427 pelo rei da Inglaterra Henrique IV, em Ruão, quando durante a guerra dos Cem Anos tomou o título de rei de França. Êste mesmo príncipe emitiu também um *angelote de prata*. As moedas cunhadas pelo rei inglês diferencavam-se das do tipo francês.

O *angelote* valia 14 fr. 20 c.; o de menor valor, 7 fr. 40; o *angelote de prata*, 5 fr. 60. (Fig. 71).

Angevina. Moeda de pouco valor, cunhada antigamente em Angers no decorrer dos séculos X ao XIV.

Arnaudins. Moeda cunhada em Agen no século XII pelo bispo Arnaud. Agen foi sucessivamente dos nitisobrigios, dos visigodos, de Clovis, dos normandos, dos condes de Angoulême, do rei de França, do rei da Inglaterra, de Raimundo IV de Tolosa, de Filipe-o-Ousado e foi cedida à Inglaterra pelo Tratado de Bretigny em 1360, voltando a ser francesa definitivamente em 1453.

Assis. Nome latino do *schilling*, notadamente quando se refere às moedas de Estrasburgo.

Aspre. Nome grego de uma pequena moeda de prata apenas usada na Turquia e na Barbária, onde o seu nome era *átché* (atché), de valor muito variável. Às várias moedas do Oriente latino, dava-se também êste nome.



Fig. 70. — Agnel de ouro de Luis I A.



Fig. 71. — Angelot de Filipe VI.



Fig. 72. — Escudo com corôa de Carlos VI.

Augustal (de Augusto). Moeda de ouro cunhada na Itália pelo imperador Frederico II (século XIII). As *augustae* representam o mais belo tipo monetário da Idade Média. Foram copiadas dos *áureos* do Império Romano e executadas pelos gravadores de Amalfi. Traziam nas suas faces o busto do imperador e de uma águia.

Baudequin. Moeda do século XIII, valendo 6 dinheiros e que apresentava o rei sentado sob um baldaquino.

Batz ou *batzen*. Antigas moedas da Alemanha e da Suíça, valendo de 13 a 17 cent. Nome popular conservado na atual moeda suíça de 10 cent. Moeda de Berna que tira seu nome do *urso* "batzen", das armas da cidade. A moeda *batz*, era de cobre, banhada de prata, de pequeno diâmetro.

Bernaldins. Moeda da Andalusia, trazendo no campo um grande B.

Bezante. Este nome vem de Bizâncio, parecendo ter servido a tôda a sorte de moedas. Os príncipes cruzados tinham fabricado para as suas possessões na Terra Santa *bezantes* imitados dos *dinars* dos califas, recebendo o nome de *byzancii saracenati* (bezantes sarracenos). O papa Inocência IV proibiu, entretanto, que os cristãos cunhassem moedas com o nome de Maomé e, para obedecer ao desejo papal, os príncipes passaram a fabricar *bezantes* com legendas em árabe, mas tendo a cruz e o nome de Cristo.

O *bezante de ouro* do Império Bizantino entrou em França nos séculos XII e XIII, ficando conhecido pelo nome de *sou d'or*. Sabe-se que São Luís, prisioneiro no Egito, prontificou-se a pagar pelo seu resgate e de seus cavaleiros, 800.000 bezantes de ouro. Segundo relata Selon Souquet, na sua *Métrologie française*, o bezante valia na época 20 fr. 22 c.

Os reis de França ofereciam na missa de sua sagração, 13 bezantes de ouro.

O bezante de prata valia um quarto do bezante de ouro, ou 2,375 grs.

Blanc. Moeda de bilhão, de valor muito variável. Distinguiam-se os *grands blancs* ou *gros deniers blancs* que valiam 10 dinheiros tornezes e os *petits blancs* ou *demi-blancs*, que não valiam senão 5. Carlos V, Carlos VII, Luís XI e Luís XII, deram ao *grand blanc* o valor de 12 dinheiros.

Carlino (de Carlos). Carlos de Anjou, rei das Duas Sicílias. Antiga moeda de ouro emitida por Carlos I, em 1278; tinha de peso 4,40 grs. O *carlino* foi também moeda de prata emitida ao

mesmo tempo, tendo de pêsos 3,27. Esta moeda entrou em França levada pelos condes de Provença.

Carolus (do latim *Carolus*, Carlos). Moeda francesa de cobre com liga de prata, cujo valor foi muito variável, segundo os tempos e os lugares. Esta moeda caracterizava-se por um K gótico, inicial da palavra *Karolus*.

Chaise. Moeda de ouro cunhada depois do reinado de Filipe-o-Belo, na qual o rei aparece sentado numa cadeira.

Cavalot. Moeda de prata que foi cunhada na Itália durante o reinado de soberanos franceses (Carlos VIII e seus sucessores), com o valor de 6 dinheiros e pêsos de 3,43 grs. O seu nome vinha-lhe de ter gravada a imagem de São Segundo a cavalo. Cunharam-se também *cavalots* emitidos por Carlos Quinto e de valor menos elevado e por Filisberto de Sabóia em 1551.

Coquibus. Moeda cunhada pelos bispos de Cambrai e na qual aparecia uma águia. O povo considerando este pássaro como um galo, apelidou a moeda de *coquibus*. Os *coquibus* foram emitidos igualmente em Elincourt e em Wallincourt.

Couronne. Moeda de ouro e de prata trazendo no campo uma corôa, que ornava as moedas de Filipe de Valois.

Coronat (*Coronat.*) Moeda cunhada em França a partir do século XI pelos condes de Provença e imitada por Carlos-o-Mau, rei de Navarra.

Denier (do latim *denarius*). Moeda com valor freqüentemente variado. Entre os romanos era uma peça de prata marcada com um X, que valia 10 asses, depois 16; nessa época houve também 84 dinheiros por libra até Augusto, passando mais tarde a 96. O *dinheiro* introduzido pelos romanos nas Gálias, continha 21 grãos de prata no período merovíngio e 28 a 30 sob Carlos Magno; pouco a pouco, entretanto, o *dinheiro* foi perdendo seu valor pela adição de cobre em quantidade cada vez maior, acabando por perder seu inteiro valor, mesmo como moeda de cobre.

Os primeiros *dinheiros* de cobre puro foram cunhados por Filipe I, valendo a 12a. parte de um *sou* do tempo. Chamava-se *denier tournois*, as moedas cunhadas pelo arcebispo de Tours; *denier parisis*, os cunhados em Paris por ordem do rei; os últimos valiam um quarto a mais. Havia ainda o *denier toulousains* ou *tolza*, o *denier viennois*, o *denier toulois*, etc., os *deniers de gros*, moeda de conta, que valia a metade de um *sou*; os *deniers de poids de marc* a terça parte do *gros* ou a 24a. parte da onça.

Encontra-se ainda o nome *denier*, aplicado a uma moeda de ouro dos reis da terceira dinastia; é ainda sinônimo de *florim*.

Havia também o *denier d'or á l'ágnel, á l'écu, aux fleurs de lis*, etc.

O *denier* valia aproximadamente 2 fr. 23 *sous* na primeira dinastia; 2 fr. 52 e 3 fr. 49 sob Pepino e Carlos Magno.

Double. Antiga moeda francesa feita de cobre ou de bilhão, valendo 2 *dinheiros* ou um *double denier*. Filipe-o-Belo passa por ter sido o primeiro que fabricou esta moeda, em 1295.

Doublon. Moeda de ouro da Espanha, cunhada em 1497 e que até 1796, valia 21 fr. 64 c. Existem hoje várias espécies de *doublons*.

Dobra. Antiga moeda portuguêsã cujo valor e cunho variaram nos diferentes reinados. Uma das moedas mais importantes do antigo sistema monetário de Portugal. Havia *dobras* portuguêsas, castelhanas, barbarescas e mouriscas. As portuguêsas mandadas cunhar por D. Dinis eram de ouro e valiam 270 réis fortes; outras chamadas *dobras de el-rei D. Pedro*, valiam 146 réis fortes. Entre as *dobras* castelhanas havia umas chamadas da *banda*, porque tinham numa das faces uma banda, insígnia de um ordem militar instituída por D. Afonso XI; valiam 216 réis fortes. Em Portugal chamavam-se *valedias* porque *valiam* e tinham curso no país. D. Pedro criou também *meias dobras*, que valiam 73 réis fortes. O *dobrão* de ouro que ainda corria no século XVIII valia 32\$000 réis fortes.

Drielanders. João IV, duque de Brabante, conde de Hainaut e da Holanda, criou em 17 de fevereiro de 1420 as espécies de moedas de prata que deveriam ter curso nas suas três províncias. E' daí que vem o nome de *drielanders*. O *drielanders* valia 16 *dinheiros* tornezes e dividia-se em 12, 8, 6 e 4 *dinheiros* (53).

Ducado (do ital. *ducato*, que tinha a effigie representando um *duque*). Moeda real e de conta, originária da Itália e cujas diversas espécies muito multiplicadas, foram durante longo tempo usadas em uma grande parte da Europa, sobretudo na Alemanha. O *ducado real* era de ouro e seu valor correspondia a 11 fr. 75 c. O *ducado de prata* (*ducaton* e *justine*) valia aproximadamente a metade do *ducado de ouro*, não sendo, porém, mais usado.

No reinado de Carlos VI dava-se em França o nome de *ducat aux fleurs de lis*, a uma espécie de *florim* que valia 20 *sols* da época e na moeda francesa, 12 fr. 50 c.

Na Espanha existiram outrora *ducados* que não eram senão moedas de conta e se distinguiam o *ducado de prata* valendo 20 fr. e o *ducado de cobre* valendo 2 fr. 40 c.

A esta moeda estrangeira, que Francisco I deu curso em França no ano de 1546, deu o rei um valor de 46 *sous* e alguns di-

(53). — Robert, *Num. de Cambrai*, pág. 138.

nheiros. O *ducado* de Espanha ou *duplo ducado* valia com Henrique III, 6 libras e 4 sous da moeda francesa. Sob Luís XIII o *duplo ducado* da Espanha e da Flandres, chamado também *ducat à deux têtes*, valia 10 libras.

Ecu (Escudo). Moeda de ouro ou prata assim denominada porque ela trazia o escudo com as armas do soberano ou do país. O valor e o pêso do escudo variavam segundo o tempo.

O nome de *escudo* applicou-se primeiro a moedas de ouro em França desde o século XIII. Foram também cunhados *escudos* na Itália, em Pisa, nos quais Carlos VIII de França toma o título de *Pisanorum liberator*, e em Nápoles, onde toma o de *rex Francorum, Siciliae, Jerosolimae*. Henrique IV fêz cunhar *escudos duplos, escudos e meios escudos*. Em 1636 o valor do *escudo* subiu a 4 libras e 24 soldos. Depois desta data cessou o fabrico dos *escudos de ouro*, cujo valor subira a 5 libras, 16 soldos e 6 dinheiros.

O tipo do *escudo* de ouro tinha sido adotado por grande número de nobres franceses e estrangeiros; na Aquitânia por Eduardo III da Inglaterra; em Bearn por Gastão de Foix e Francisco Phoebus; na Navarra por Henrique de Albret, Antônio de Bourbon e Joana de Albret; na Flandres por Filipe-o-Intrépido e Filipe-o-Bom; pelos bispos de Cambrai, pelos papas de Avinhão, etc. Foi em 1580 que o rei Henrique III fêz cunhar pela primeira vez o *quarto de escudo de prata* valendo 15 soldos, cunhando-se ao mesmo tempo *meios quartos de escudo*. O cunho conservou-se durante os reinados de Henrique IV, Luís XIII e Luís XIV. Em 1641, Luís XIII mandou fazer verdadeiros *escudos de prata* valendo 6 fr. 23 c., denominados *escudos brancos* e *luíses de prata* valendo 60 soldos. O tipo e o valor do *escudo de prata* francês, variaram muitas vêzes desde 1689 a 1709, podendo-se dizer que se alterava a cada nova emissão. O último *escudo de prata* francês cunhado foi o *escudo republicano*.

Diversos países tiveram moedas com o nome de *escudo*. Na Alemanha fizeram-se *escudos de ouro* e *escudos de prata*, denominando-se *escudo de convenção* ou *rixdaller*. Na Áustria, na Suíça, em Basiléia, em Genebra, em Friburgo, em Zurique, na Espanha, nos Estados Pontifícios (*scudo*) e em muitos ducados italianos, na Sabóia, no Piemonte, em Veneza, na Suécia, houve também *escudos* apresentando uma grande variedade de valor e de tipos.

Em França existiram *escudos* denominados: *écus ao soleil* ou *écus sol*, os *écus à la couronne*, os *écus heaumés*, os *écus à la salamandre*, au *porcépic*, segundo os diferentes emblemas representados nos *escudos* (Fig. 72).

Engroigne. Pequena moeda da Borgonha.

Esterling. Moeda de origem inglêsa que apresentava no anverso uma cabeça coroada e no reverso uma cruz cantonada geralmente de doze besantes. Estas peças foram copiadas quase que em tôda a Europa (54).

Florim (do ital. *fiorino*, derivado de *fiore*, flor, por causa das flores de lis que marcavam os primeiros florins cunhados em Florença).

Esta moeda de ouro parece ter sido cunhada pela primeira vez em Florença, em 1252. Teve curso em tôda a Europa durante os séculos XIV e XV, sendo imitada por grande número de soberanos e de senhores feudais. Em França foi cunhada desde Luís IX até Carlos V. Mas, pouco a pouco, o título e o pêso dos *florins* de ouro, que chegaram a ter vários cunhos, foram diminuindo e por fim caíram no mais completo descrédito, sendo substituídos por outros de prata, sem todavia se ter chegado à unificação dos pesos e dos valores. Na Alemanha, o *florim* desapareceu na reorganização monetária estabelecida pela lei de 4 de dezembro de 1871, ficando seu uso restrito à Áustria e à Holanda. Na Inglaterra a moeda de 2 shillings toma às vêzes o nome de *florim*.

Franco (de uma moeda que o rei João fêz cunhar e que tinha por divisa as palavras *francorum rex*).

O *franco* foi, no princípio, o equivalente da libra, ou 20 *soldos*. Primeiro foi de ouro fino e fabricados pelos fins do reinado do rei João, em 1369, depois do seu regresso da Inglaterra; neles, o rei está revestido com tôdas as peças da armadura e a cavalo, sendo por essa razão chamados *francos à cavalo*. Os que foram fabricados no reinado de Carlos V, eram também de ouro fino e para que se distinguissem dos primeiros, o rei estava de pé, debaixo de uma arcada gótica e daí serem denominados *francos à pé*. Estas peças foram também chamadas *francs de lis d'or*, porque o campo da moeda aparecia coberto por lírios. Henrique VI, rei da Inglaterra, mandou cunhar moedas semelhantes enquanto exerceu o seu domínio sôbre uma parte da França; êstes *francos de ouro* gozaram de um grande favor em virtude da elevação e da fixidez do toque e porque valiam justamente uma libra, unidade em uso desde Carlos Magno.

Henrique III, por lei de 31 de maio de 1575, mandou fabricar *francos de prata*, *meios francos* e mesmo *quartos de franco*. Henrique IV continuou a fabricação das moedas tais como eram no reinado do seu predecessor; Luís XIII proibiu-a em outubro de 1641, não tendo desde então curso, senão pelo seu pêso; por outra decla-

(54). — V. J. Chautard, *Imitations des monnaies au type esterlin*, in 8.º, 1871-1872.

ração datada de 10 de novembro do mesmo ano, o rei proibiu a fabricação dos *francos*, que substituiu por *luíses* de prata, ou peças de 60, de 30, de 15 e de 5 *soldos*. O *franco* cessou, desde então, de ser uma moeda real, conservando-se, porém, como sinônimo da *libra*, isto é, 20 *soldos tornezes* ou um terço do *escudo*. Os *francos* de prata apresentavam a cabeça do rei e a legenda: *Sit nomen Domini benedictum*.

A peça de prata amoedada, tinha de pêso 5 gramas.

Florettes. Os *grands blancs*, valiam 20 dinheiros *tornezes* ou 16 dinheiros *parisis*; sob Carlos VI receberam o nome de *florettes*, por causa dos lírios que formavam o seu tipo principal.

Gros. Moeda criada por São Luís e que valia 12 dinheiros; algumas vêzes era denominada *gros blanc* ou *gros denier blanc*. Henrique II criou uma moeda chamada *gros*, valendo 2 *soldos* e 6 dinheiros ou 6 *blancs* (os *demi-gros* valiam 6 *blancs*). Estas peças eram também conhecidas por *gros* e *demi-gros de Nesle*, porque Henrique II tinha estabelecido numa das dependências do Palácio de Nesle (onde hoje se situa a Casa de Moeda de Paris) um "atelier" destinado especialmente à cunhagem de novas moedas de bilhão (1555).

Hardi. Este nome vem do inglês *farthing*, por troca do *ing* em *in* na Inglaterra; do *in* ou *y* e *F* em *H* na Gasconha, *farthing* ficou *fardin*, depois *hardy*. O *farthing* é precisamente a quarta parte do *penny*, como o *liard* (*li ardit*) é a quarta parte do soldo (56).

Heliens. Dinheiro de Perigord, que tirava seu nome do conde Hélie II.

Kopec. Moeda de cobre usada na Rússia e que equivalia a centésima parte do rublo de prata, cujo valor era 2\$400. Subdividia-se em 2 *denuschkas* ou *poluskos*.

Kreutzer (palavra alemã formada de *kreutz*, cruz). Antiga moeda de cobre que tinha curso na Alemanha; era moeda real ou de conta e seu valor variava segundo os Estados. Ela era geralmente a 60a. parte do *gulden* ou *florim*. No antigo Império austríaco, o *kreutzer* foi moeda de valor real.

Liard. Pequena moeda francesa de cobre pertencente ao velho sistema monetário. Depois de Carlos VIII (1470-1498) o *liard* passou a valer 3 dinheiros ou a quarta parte de um soldo; sob Luís XI equivalia a 4 dinheiros e pelas Cartas Patentes de 1658 teve seu valor reduzido a 2 *soldos*, só voltando ao seu valor primitivo em 1694. Houve também *doubles-liards* ou peças de 2 *liards* e ainda peças de 6 *liards*; êstes últimos continham um pouco de prata,

tendo um módulo maior, embora de chapa mais delgada. Estas moedas eram chamadas também de *sous marqués*.

O *liard* parece ter-se originado do Delfinado. São conhecidos os *liards* de Carlos VI-o-Bem-Amado (1368-1422), bem como todos os fabricados nos reinados seguintes, sendo êstes de menores dimensões, com as iniciais e marcas modificadas. Durante o reinado de Henrique IV (1553-1610), os *liards* foram ainda de bilhão; no reinado de Luís XIV, foram de cobre puro. Em 1719 foi-lhes dado o pêso de 57 grãos e $\frac{3}{5}$. São conhecidos ainda os *liards* de Bouillon, de Dombes, da Lorraine, da Sabóia, também chamados *liards à la grosse échelle*, etc.

Há dúvidas sôbre a etimologia da palavra *liard*. A maior parte dos autores opinam que ela se deriva de *hardi*, *li hardi*, nome porque era conhecida esta moeda na Guienne e que parece ter surgido no reinado de Filipe-le-Hardi (Filipe III-o-Ousado, rei de França, 1245-1285), embora suponham venha esta palavra do basco "ardita". Outros acreditam seja ela o adjetivo *liart* (cinza), dando-lhe um sentido de *moeda cinzenta ou negra*, em opposição a moeda de prata denominada *monnaie blanche*. Outros, enfim, fazem-na vir de um certo Guigues Liard, delfim, que a teria inventado em 1430.

Lion. Moeda de ouro que substituiu no reinado de Filipe de Valois em 1338, os *escudos de ouro*; seu nome provém de um leão deitado aos pés do rei (símbolo de Henrique III, rei da Inglaterra) que aparece numa das faces da moeda. Estas peças tiveram pouca duração, pois sua cunhagem durou apenas um ano.

Livre (libra). Em França, existiram duas principais espécies de *libras*: a *livre tournois*, originariamente cunhada em *Tours* e a *livre paris*, cunhada em Paris. Ambas se dividiam em 20 *soldos*, cada *soldo* em 4 *liards* ou em 12 *dinheiros*; mas a *livre paris* era mais forte que a *livre tournois*, valendo 25 *soldos tournois*. Esta libra foi suprimida por Luís XIV (1638-1715) e depois de 1667 sômente a *livre tournois* teve curso em França.

O *franc d'or* de João e de Carlos V valia 20 *soldos* ou 1 libra, como mais tarde o *franc d'argent* de Henrique III. E' por isso que a palavra *franco* ou *libra*, foram muitas vêzes sinônimos.

O valor da *livre tournois* fixado por lei de 25 germinal ano IV, era de 0, fr. 9876.

Louis. O *louis d'or* e seus múltiplos, começaram a ser fabricados por um édito de 31 de março de 1640, no reinado de Luís XIII. Esta antiga moeda foi denominada *louis* (Luís), por apresentar numa de suas faces a effigie do rei. Eram de 22 quilates e valiam 10 libras na época. Mas tendo a libra sofrido a perda de seu

valor, o *luís de ouro* acabou por valer 20 e mesmo 24 libras (23 fr. 70 c.). Depois de adotado o sistema métrico a moeda passou a valer 24 fr., conservando êsse valor até 12 de setembro de 1810, época em que foi substituída pelas moedas denominadas *napoleons*, de 20 fr.

Existiram sob Luís XIII, *doubles*, *quadruples* e *décuples louis*, que foram cunhados durante pouco tempo. Os *duplos luíses* só tiveram curso no comércio e sofreram variações análogas aos dos simples *luíses*. Os *duplos luíses* foram até o Império a única moeda de ouro francesa.

Chamou-se *louis d'argent* uma moeda cunhada em 1641, no reinado de Luís XIII, conhecida também por *escudos brancos* ou *escudos de 6 libras*. O valor destas moedas variou segundo as épocas. Pode-se fixar em 25 francos de hoje no tempo de Luís XIII; em 21 francos no tempo de Luís XIV e Luís XV; em 24, no tempo de Luís XVI.

Maille (do lat. *medalia*, medalha, derivando-se também de *metallum*). Nome comum de inúmeras pequenas peças monetárias de cobre, que tiveram curso sob os primeiros reis da terceira dinastia e que valiam somente como óbolo ou seja a metade de um dinheiro.

Mansuce. Moeda de ouro de origem árabe que se cunhava em Perpignan.

Maravedi, *maravidim*, *marabitino*, *morabitino* (almoçávidas, do árabe *al morabeth*), escrito destas e de outras maneiras, era o nome genérico de qualquer moeda de ouro ou de prata introduzidas nas Espanhas pelos mouros, de onde os *soldos* de ouro e de prata tomaram como sinônimos o nome de *maravidis*, dando-se a mesma denominação às moedas de cobre lavradas pelos reis de Castela, as quais anteriormente se chamavam *soldos* ou *dinheiros*.

Os *maravidis* usados nos domínios católicos espanhóis até o tempo de Afonso VIII (ano de 1126), foram unicamente de ouro; depois foi admitida a prata, que passou a se denominar *maravidis alfonsis*. Querem alguns que êstes tivessem aparecido no reinado de D. Afonso VI (ano de 1065) por constarem de alguns documentos dessa época.

Depois da conquista de Toledo, foi introduzida a forma de contar pelos *maravedis*, chegando os próprios *áureos* fabricados pelos reis Afonsos de Espanha, a serem denominados *maravidis de ouro Afonsis*.

Estas moedas tiveram grande curso no Meio Dia de França no século XII.

Numa doação feita à igreja e mosteiro de Santo André de Sózelo, em Portugal, no ano 870, cujo original existia no cartório do Convento de Alpendurada, lia-se:

“Et qui istum placitum excessevit, pariet parte de quis isto placito observaverit X bobes de X morabidinos, et judicato. Cavarruvas diz que eram umas moedinhas de çobre, tão miúdas, que só valiam duas brancas ou seis coroados ou dez dinheirinhos.

Pinho Leal (56) observa que o *maravidim* não podia ser uma moeda de cobre muito miúda; muito mais, sabendo-se que no princípio da monarquia portuguesa e talvez antes, havia *maravidis de ouro*. D. Afonso Henrique mandou cunhar dêstes *maravidis* e que por isso passaram a se chamar *maravidis alfonsis*.

Marco. Antiga moeda de prata da Alemanha, de que faz menção a Bula de ouro de Carlos V.

Melgoriens. Os dinheiros de Melgueil.

Moutons. Moeda de ouro *á la grande laine, á la petite laine*. (Ver *Agnel*).

Nesle ou *néle*. Pequena moeda de trôco em uso nos meados do século XVIII. As *nesles*, assim chamadas devido a tôrre de Nesle onde eram cunhadas, valiam 15 dinheiros. As *duplas-nesles* valiam 30 dinheiros ou 6 *brancos*. Estas moedas foram em breve tiradas da circulação.

Nobles. Nome dado outrora a muitas moedas. O *noble á la rose*, era uma moeda de ouro da Inglaterra, que trazia gravada a rosa de York ou de Lancastre; geralmente aparecia também o rei armado, a bordo de uma nave. Os primeiros exemplares foram cunhados por Eduardo III em 1334. Com Henrique VI e quando a França estava sob o domínio dos ingleses, foram batidos em Paris em 1426 *nobles á la rose*, valendo 23 fr. 71 c. e também os *demi-nobles* e os *quarts de noble*.

O *noble Henri*, moeda de ouro da Inglaterra, teve curso em França com os primeiros Valois, valendo pouco menos que os *nobles á la rose*.

Quando da tomada de Ruão pelos ingleses, à 13 de janeiro de 1419, o rei Henrique V da Inglaterra, impôs à cidade um tributo de 100.000 *écus d'or*, os quais correspondiam a um *noble* de Inglaterra. Durante êste domínio Ruão foi o teatro do processo e do suplício de Joana d'Arc.

Parisis. Moeda de ouro cunhada em Paris de 1330 a 1336 e que era um quarto mais forte que a cunhada em Tours. Quando foram reis os condes de Paris, a *moeda parisis* tornou-se a moeda real e opôs-se à moeda de Tours ou *tornezes*. O *sistema parisis* era um quarto mais forte que o *sistema tornez* e subdividia-se para a moeda real em pequenos parisis de prata e em reais parisis dobrados de ouro para a moeda de conta em libras, soldos e dinheiros parisis. No tempo de Luís XI cessou-se de cunhar moedas parisis, mas continuou-se a contar segundo êste sistema até Luís XIV.

Patard ou *patar*. Moeda cunhada no reinado de Luís XII, valendo um pouco mais que o *liard*. Os *patards* (moeda de cobre) tiveram grande circulação na Flandres.

Piastra (esp. e ital. *piastra*, pròpriam. “lâmina de metal, placa”). Moeda de prata de diversos países e cujo valor é muito variável. Na Espanha a *piastra* mais célebre é a das colunas de Hércules, que foi cunhada no tempo de Carlos III (1716-1788). A *piastra forte* ou *duro* é a *piastra inteira* e a *piastra chica* é a *meia piastra*.

Em França, em 1772, a *piastra* valia 5 francos.

A *piastra* teve curso nos Estados barbarescos, em Malta, no Levante e na América do Sul.

Pistola. A palavra *pistola* serviu para designar especialmente em França o escudo espanhol do tipo de Joana-a-Doida e de Carlos V. Os cambistas applicaram depois o mesmo nome a tôdas as moedas de título e de pêso análogos. Em França o valor da *pistola*, fixado em dez libras tornezas em 1652, foi elevado a 11 libras e 12 soldos em 1689. Mas não tardou que a *pistola* fôsse considerada simplesmente como moeda de conta, exprimindo um valor fixo de 10 libras; a palavra é empregada ainda neste sentido no Meio Dia.

Pite, outrora *Picte*, *Poitevine* (*Pictavina*). Pequena moeda de cobre dos antigos condes de Poitou, que valia um quarto do dinheiro.

Plaque. Antiga moeda de prata que circulou na França e na Flandres, onde foi cunhada no ano de 1300.

Raimondins. Dinheiro cunhado pelos condes de Toulouse, do nome de Raimundo.

Real. Antiga moeda de Espanha e de Portugal. Em Portugal ela teve diferentes valores em várias épocas; havia os *reais* de ouro, de prata e de cobre. Os de ouro, eram do princípio da monarquia, assim como as *mealhas* de ouro. O *real de prata* foi cunhado no tempo de D. João I e valia 20 reais de cobre; outros monarcas que lhe sucederam também cunharam esta moeda. Havia *reais brancos* e *pretos*, de cobre. Os brancos foram mandados cunhar por D. Duarte e D. Afonso V e eram assim chama-

dos por terem muita liga de prata; o *real prêto* foi assim denominado por ser exclusivamente feito de cobre e mandados lavar por D. Duarte e 10 dêles faziam um *real branco*. Alguns reis que o sucederam, cunharam também *reais pretos*.

Rixdale (têrmo alterado de *Reichsthaler*, escudo do Império). Moeda de prata que circulou na Alemanha, na Holanda, na Suécia e na Dinamarca, com valores variados.

Roumois. Na Normândia *roumois* e *angevins* eram confundidos uns com os outros. Os *roumois* foram provavelmente moedas cunhadas em Ruão e tiveram curso somente nessa cidade (57).

Royal. Moeda de ouro cunhada no reinado de Filipe-o-Belo e seus sucessores e assim denominada por trazer numa de suas faces o rei ostentando os trajés magestáticos; havia o *petit royal* que valia 13 soldos e 9 dinheiros ou 10 fr. 74 c. e o *grand* ou *gros royal*, valendo o dôbro. Esta moeda era também conhecida por *cadière* (ver *chaise* ou *cadière*).

Ryder ou *ruyder*. Antiga moeda de ouro da Holanda que apresentava como tipo de cavaleiro montado. O *ryder de ouro*, equivalia a 14 *florins* (31 fr. 65 c.); o *ryder de prata* ou *ducaton*, à 3 *florins* 15 *cents* (6 fr. 85 c.).

Saiga. Nome dado à moeda de prata merovíngia (ano 615) que substituiu o *triens*.

Salut. Os *saluts d'or* foram cunhados em França no reinado de Carlos VI e pelos reis inglêses Henrique V e seu filho Henrique VI, quando dominavam parte do território francês. Os *saluts d'or* valiam 15 soldos tornezes ou 11 fr. 41 c. Numa das faces a moeda apresentava a Virgem recebendo a saudação angélica.

Sequim (do ital. *zecchino*, tirado do árabe *sekkah*, cunho com que se bate a moeda). Peça de ouro de valor variável, que tinha curso no Levante e na Itália.

Os primeiros *sequins* foram cunhados em Veneza no fim do século XIII; tinham numa face a efígie de São Marcos entregando ao doge de Veneza o estandarte com a cruz; no reverso lia-se a legenda: *sit tibi, Christe, datus, quem tu regis, iste ducatus*. A cunhagem destas moedas foi abandonada pela Áustria em 1822. Esta moeda valia em França 12 francos.

Six blanc. Nome porque eram conhecidos também os *gros de Nesle*; estas antigas peças de 3 *blancs* correspondiam ao soldo e o duplo soldo parisis. Luís XIV cunhou igualmente por um édito publicado em agôsto de 1656 peças de 6 *blancs*.

(57) : — L. Delisle, *Revenus publics en Normandie*, "B. École des Chartes", 1848-1849, pág. 186.

Sou (*soldo*, moeda). A vigésima parte do franco (moeda francesa). Na época merovíngia o *sou d'or* valia 40 dinheiros e o *sou d'argent* 12. Luís XIV fez cunhar *sous* e *doubles sous* (19 de novembro de 1657); as emissões se sucederam desde essa época. A refundição dessas espécies foi feita em 1853. O *sou* como moeda de conta era a 20a. parte da libra.

Testons. Os *testons* trazendo a cabeça do príncipe começaram a aparecer na Itália no século XV. Em 1513 Luís XII fez cunhar em França moedas de prata na qual a efígie do rei estava representada. No reinado de Henrique III os *testons* foram substituídos por peças de 20 *sous*.

Thaler. Moeda de prata alemã. Estas moedas, cunhadas na Alemanha no século XVI equívalem ao *gulden* de ouro, de onde o seu nome de *guldenroschen*; a abundância de moedas cunhadas com o produto das minas de *Joachimsthaler*, fez dar a estas peças o nome de *Joachimsthaler* ou *Jochenthaler* e *thaler* por abreviatura. O *thaler* subdividia-se em 15 *batzen* ou 60 *kreutzers* e em 1566 cunharam-se *reichsthaler* em nome do Império; as variações do valor foram inumeráveis. Distinguia-se o *current-thaler* ou *thaler* ideal e o *thaler* real ou *speciès-thaler*. Cada país e cada príncipe mandou cunhar *thalers* especiais, alguns dos quais eram comemorativos.

Tournois (*Tornez*, do lat. *turonensis*, que é de Tours). Moeda cunhada até o século XIII em França; a moeda *torneza* foi a princípio a moeda particular da abadia de São Martinho, na cidade de Tours. A cunhagem tornou-se real no século IX e depois feudal. Filipe-Augusto confiscando a Touraine tomou a moeda de São-Martinho e desde então a moeda *torneza* concorreu com a moeda *parisis* até o reinado de Luís XIV como moeda de conta; este príncipe tendo abolido o costume de se contar por *parisis* fez com que somente a moeda *torneza* fôsse admitida.

São Luís mandou cunhar o *grande tornez* ou *soldo* de prata que pesava 4,219 grs.; cunharam-se também *meios grandes tornezes* e como moeda de bilhão *pequenos tornezes* ou *tornezes simples*. A *libra torneza* valia vinte soldos (no reinado de Luís XI, 22 fr. 79 c.). O *soldo tornez* valia 12 dinheiros.

Vierlander. Moeda que se dividia em meios e quartos, criada por Filipe-o-Bom (1430-1467), para correr em Hainaut, no Brabante, na Flandres e na Holanda (58). Em 1470 os *vierlans* da Flandres tiveram curso em França, valendo 12 dinheiros (59).

(58). — Chalon, *Rech, sur les monnaies des comtes de Hainaut*.

(59). — Leblanc, pág. 309.

MEDALHÕES DOS PEREGRINOS DA IDADE MÉDIA.

Data do século XIII o uso generalizado entre os peregrinos de trazer costurado ao chapéu, ou prêso na vestimenta, um emblema do santo a cuja igreja dirigiam a sua jornada de devoção.

Os emblemas tinham em geral a forma circular de medalhas. Havia-os, porém, quadrangulares ou recortados no feitio do objeto que representavam: a imagem do santo, um navio, um sino, uma bolsa, sendo esta forma a mais comum.

Foi a partir do século XIII que se tornaram freqüentes na Europa as peregrinações a basílicas e igrejas dedicadas aos santos e à Nossa Senhora e que abrigavam o corpo ou alguma relíquia daqueles. Havia dioceses que no mundo cristão dêsse tempo contavam com 60 a 70 destas jornadas de fé, sendo as mais famosas as peregrinações de São Tiago de Compostela, na Espanha, de Nossa Senhora de Boulogne e São João Batista de Amiens, na França, e ainda a de São Tomás de Canterbury na Inglaterra.

As peregrinações à Palestina e à Roma, porém, são muito mais antigas, remontando aos primeiros séculos do Cristianismo. A primeira realizou-se ao túmulo de Jesus Cristo, com Nossa Senhora acompanhada dos discípulos, algumas santas mulheres e habitantes de Jerusalém. Mais tarde São Paulo visitou os lugares santos, abrindo o caminho seguido depois por milhões de peregrinos do mundo inteiro.

No século III, e sobretudo no IV, acorreram à Palestina peregrinos em visita aos lugares citados nos evangelhos, como tendo sido testemunhas de algum episódio da vida de Jesus Cristo. As peregrinações à Roma datam também do IV século.

São pouco conhecidos os emblemas das primeiras peregrinações. Lenormant, refere-se somente a três dêstes; um de peregrinação ao Santo Sepúlcro e outros dois ao túmulo de mártires, em Roma, sendo que um dêstes representa no anverso o santo (São Lourenço) e no reverso o devoto ao lado do seu túmulo, tendo uma vela acesa na mão.

As peregrinações são até hoje praticadas pelos cristãos do mundo inteiro, havendo mesmo um renascimento desta devoção. Em França, na atualidade, realizou-se uma grande peregrinação a uma das tradicionais igrejas, onde os peregrinos renunciando aos modernos meios de transporte, caminharam a pé, tal como os seus antepassados da Idade Média.



Fig. 73. — Tipo de medalhão usado pelos peregrinos da Idade Média.

Anverso: Cabeça de São Batista dentro de um triângulo encimado pela data, ladeado de uma espada e uma lança. Legenda na orla, separada por traços verticais. Alça em ângulo ornado de festões.



Reverso: Busto de um cavaleiro de frente, com a cabeça de perfil, à esquerda, tendo o elmo levantado e o olho de frente. Legenda separada por traços verticais e a data. Mede 116 mm. com a alça.

Fig. 74. — *Tipo de medalhão usado pelos peregrinos da Idade Média.*



Reverso: cena da fuga para o Egito. Na orla, a legenda separada por palmetas. Mede 77 mm. de diâmetro.



Anverso: Busto real entre colunas. Legenda circular e a data.

(Continua no próximo número).

ÁLVARO DA VEIGA COIMBRA

da Sociedade Brasileira de Numismática.